

MADELINE MARTIN

Autora bestseller de
Uma Espia Americana em Lisboa



A
GUARDIÃ
dos
LIVROS
ESCONDIDOS

TOP
SEL
LER

FINALISTA DOS GOODREADS CHOICE AWARDS

• MELHOR ROMANCE HISTÓRICO •

Para a Mamã

Cada cena d'*A Guardiã dos Livros Escondidos* me leva a recordar algo que aprendi na Polónia contigo ao meu lado, e é isso que torna este livro ainda mais especial para mim. Obrigada por essas belas memórias que partilhámos e pelo teu amor e apoio infinitos. Sou muito afortunada por te ter.

PARTE I

Capítulo Um

Varsóvia, Polónia
Agosto de 1939

Zofia Nowak sentava-se sobre os calcanhares na erva cálida do verão enquanto a sua amiga Janina lhe colocava desajeitadamente uma ligadura em volta da cabeça. As outras duplas de guias sentavam-se em semicírculo sob os carvalhos do Parque Łazienki, trabalhando em unísono no aperfeiçoamento das suas capacidades para prestar os primeiros socorros. Não que a guerra que ameaçava a Polónia fosse alguma vez chegar a Varsóvia.

Apesar disso, a prudência aconselhava a que todos estivessem de sobreaviso, e os habitantes da cidade iam-se preparando, cada qual à sua maneira. Para o Papá, isso passava por abastecer o hospital de medicamentos. Já a mãe de Zofia passava horas intermináveis nas filas do supermercado por forma a garantir que os seus armários ficavam a transbordar de comida enlatada. Havia cartazes espalhados pela cidade a pedir aos homens que engrossassem as filas de alistamento nas escolas básicas, e as estações de rádio inundavam o ar com a batida da música patriótica.

E era por esse motivo que *A História da Minha Vida*, de Helen Keller, se aninhava no saco de Zofia. Mais uma leitura inspirada na lista de livros que Hitler banira na Alemanha.

A jovem retirou a ligadura da cabeça e reposicionou-a na parte inferior da perna de Janina para fazer uma tala.

— Que tal?

— Parece-me bem. — Janina torceu a perna. — Estudar medicina como o teu pai pode ser uma escolha acertada para o próximo ano.

Em vez de lhe responder, Zofia conferiu o seu trabalho manual.

— Já decidiste o que vais fazer a seguir aos exames finais? — Janina fazia-lhe a pergunta num tom suave. No entanto, nada podia aliviar o peso da decisão com que Zofia se confrontava a cada dia.

Aquele era o último ano da escola secundária, com um exame final a separá-las da conclusão do curso. Por essa altura, elas atingiriam os 18 anos — e a maioridade. O mundo inteiro estendia-se à sua frente como uma passarela que as iria alcandorar ao futuro.

A todas, menos a ela.

— Pareces a Matka — resmoneou Zofia.

Mas isto não era realmente verdade. A delicadeza característica de Janina nada tinha que ver com o tom brusco da mãe de Zofia. Quer esta insistisse com a filha para se arranjar melhor, para ser mais comunicativa, ou mais proativa na escolha de uma carreira — algo que fosse lucrativo, como a medicina —, havia sempre um ar de comando na sua mãe. Que era precisamente a razão que a levava a referir-se mais formalmente à mesma, optando por Matka em oposição a Mamã.

A mãe de Janina era uma Mamã. Daquele género que pergunta como correu o teste com um sorriso, ou oferece um abraço num dia mau em vez de uma crítica.

Talvez fosse isso que levava Janina a ser sempre tão simpática e atenciosa. Era essa harmonia que estivera na base da amizade entre as duas, muitos anos antes, quando eram crianças. Zofia nunca fora uma pessoa sociável, tendo antes uma natureza reservada, estando mais inclinada a enfiar a cabeça num livro do que a encetar uma conversa com desconhecidos. Ser a mais alta da turma também não ajudava, dando a sensação de que ela se destacava como um patinho feio no meio de pintainhos. No seu primeiro dia na escola, Janina dirigira-se animadamente a Zofia com uma confiança invejável e oferecera-lhe

parte das bolachas de manteiga em forma de flor que a sua mãe fizera, preenchendo cada silêncio entre as duas com uma tagarelice esfuziante que deixara Zofia instantaneamente conquistada.

Nesse momento, Janina moveu a perna, testando a ligadura de Zofia.

— Se estou a falar como a Matka, retiro a minha sugestão. — A ligadura, já lassa, cedeu, levando o nó perfeito a deslizar e a soltar-se. Sem a pressão da tira de pano, uma das talas tombou sobre a erva.

— Optar pela medicina não está nos meus horizontes, como é evidente. — Zofia apanhou a tala com o que esperava ser um sorriso de indiferença. — Eu acho que o Papá compreende isso.

O pai de Zofia era um médico afamado de Varsóvia e um cirurgião muito experiente. A reputação que ele granjeara era das que são impossíveis de igualar, principalmente para uma filha sem qualquer expectativa relativamente ao futuro.

— Tu adoras ler. — Janina desviou uma madeixa de cabelo escuro que lhe caíra sobre os olhos castanhos com um sopro. — Talvez pudeses estudar literatura. — A rapariga soltou um gritinho de excitação, endireitando mais as costas. — Talvez viesses a ser uma escritora como a Marta Krakowska.

Aquilo parecia ridículo, mesmo que Janina o dissesse com tanta sinceridade. Embora Zofia não tivesse ideia do que queria fazer, sabia perfeitamente que não era nenhuma Marta Krakowska. A escritora era versada em histórias de amor épicas, protagonizadas por apaixonados que se conheciam entre os meandros da guerra. Cada história, sempre melhor que a anterior, pontuava-se por um final feliz para o casal e pela presença de uma gatinha tricolor.

Contudo, Zofia não acreditava em histórias de amor, e não tinha a qualidade lírica de Krakowska. Ela definitivamente não era uma escritora.

Depois de retirar a outra tala da perna de Janina, enrolou cuidadosamente a ligadura, formando uma bola.

— Já leste *A História da Minha Vida*? — perguntou.

O olhar de Janina iluminou-se.

— Já. Que história incrível...

— Não! — A exclamação partira de um dos elementos da dupla de guias ao lado delas.

Maria, amiga das duas, abanava a cabeça, com os caracóis louros a agitarem-se, mantendo o braço estendido em direção à sua companheira, ocupada a acabar de o enfaixar até ao cotovelo. — Não podem falar sobre o livro neste momento. Quando eu mal as consigo ouvir...

— Nesse caso, falamos na biblioteca. — Janina voltou a centrar a sua atenção em Zofia, com um brilho malicioso no olhar. — Mas é óbvio que tu queres mudar de assunto, por isso, falemos de algo mais agradável. Por exemplo, o quanto estás ansiosa por ires para a escola amanhã.

Zofia deixou escapar um gemido e Maria virou a cara, sorrindo em silêncio.

A matemática era tediosamente desinteressante, com as suas sequências de algarismos desprovidas de qualquer verdadeiro desafio. Os estudos sociais eram mais áridos do que o pó que se acumulava nos manuais ainda por abrir do ano anterior. Até a arte era horrorosa. Apesar de Zofia apreciar a beleza nela contida, a sua aplicação em concreto despertava-lhe pouco interesse. E se havia algo que ela odiava, odiava, *odiava* era ter de enfrentar a mediocridade das suas reduzidas capacidades quando a obrigavam a experimentar algo novo. O mesmo se aplicava ao resto das disciplinas, cada uma mais insípida que a outra.

À exceção da literatura, da qual Zofia realmente gostava.

Ao menos na universidade ela estudaria temas adequados às suas atividades futuras. O que quer que essas fossem.

A chefe do grupo das Guias, Krystyna, bateu palmas para chamar a atenção das raparigas, poupando a Janina a resposta sarcástica que Zofia lhe ia dar sobre o quanto ela *não* estava ansiosa para ir para a escola no dia seguinte.

— Foi um trabalho excelente, guias. — Krystyna passou o olhar pelas duplas de raparigas, erguendo a cabeça com ar prazenteiro. — A guerra com a Alemanha aproxima-se e a Polónia tem de estar preparada. Pelo menos, as Guias tenho a certeza de que estão.

Zofia sentiu-se inundada por uma onda de entusiasmo ao ouvir aquelas palavras.

As Guias eram uma organização escutista destinada a preparar raparigas de diversas idades para a vida, munindo-as de competências sociais, ideais filantrópicos e da capacidade para ajudar a comunidade de todas as formas possíveis.

Se a Alemanha atacasse, os esforços das Guias ajudariam a Polónia.

Zofia fazia parte da geração de polacos nascidos num país livre, depois de este reconquistar a sua soberania no âmbito do Tratado de Versalhes. A Polónia tivera de travar uma luta de mais de cento e vinte anos para concretizar essa aspiração. As crianças cresciam a ouvir histórias de heroísmo e coragem, até os seus olhares se incendiarem de patriotismo e os seus corações vibrarem de orgulho pela nação.

Embora a Polónia desse os primeiros passos como uma nação livre, acabando de celebrar apenas duas décadas de independência, o país estava pronto a adquirir a maturidade num clima de vitória.

Algo que os alemães não tardariam a saber, provavelmente.

— O que diz o Antek sobre a guerra? — indagou Janina, enquanto elas se levantavam do terreno relvado.

Zofia passou a mão pelo cabelo, alisando as ondas indisciplinadas devido às várias tentativas de Janina em colocar-lhe a ligadura.

À semelhança da maior parte dos homens e rapazes de Varsóvia, o irmão autonomeara-se estratega militar, tecendo as suas previsões sobre a incursão iminente. O mapa que ele afixara na parede estava repleto de pioneses vermelhos a assinalarem os pontos de ataque mais prováveis, à volta dos quais o exército alemão se concentrava.

— Ele acha que tudo vai começar em Gdansk. — Zofia falava com pouca convicção. Antek podia ser um ano mais velho do que a sua irmã, porém, isso não significava que ela acreditasse cegamente na análise dele. — Talvez aconteça amanhã, antes do início das aulas.

— Zofia! — censurou-a Janina. — Não devias dizer essas coisas.

Zofia retirou um talo de erva que ficara preso ao joelho e dirigiu um grande sorriso à amiga.

— Se calhar, tu podias ir dar uma olhadela ao mapa um dia destes — sugeriu ela.

O rosto de Janina ficou vermelho, tal como Zofia previra que ia ficar. Apesar de as duas já serem amigas há mais de uma década, Antek nunca havia reparado em Janina até ao início desse ano. Desde então, ele fazia figura de parvo de cada vez que a amiga a visitava, tropeçando nas palavras ou fazendo um sorriso esquisito que levava um pequeno músculo sob o seu olho direito a estremecer.

E, por muito que Janina insistisse que ele não lhe despertava qualquer interesse, Zofia apanhava os olhares discretos da amiga, a que se seguiam os inevitáveis rubores.

Maria surgiu ao lado de Zofia, caminhando a par com elas, com os seus olhos castanho-dourados tão brilhantes como o âmbar do Báltico.

— Ainda vão à biblioteca? O Papá esteve em Paris há pouco tempo e prometeu que ia levar-me com ele na próxima viagem. Preciso de estudar mais livros.

— Mais? — questionou Janina com ironia.

Como francófona que se prezava, Maria sabia tudo sobre a capital francesa. E não, não era suficiente que Varsóvia fosse considerada a Paris da Europa do Leste. Ela desejava Paris. A Paris do mundo inteiro.

As jovens foram caminhando em direção à rua Koszykowa, privilegiando as sombras que as resguardavam da ação do sol do final de agosto. Nos últimos tempos, elas iam quase diariamente ao edifício central da Biblioteca Pública de Varsóvia, algo com que Zofia não se importava de todo.

Antes disso, no entanto, elas teriam ido ao cinema ou comprar um gelado a um dos vendedores do parque. Mas a recente escassez de moedas dificultava esse género de coisas.

Corria o rumor de que Hitler mandara retirar todas as moedas de bronze e de níquel da Polónia até não restar um grosz, o que tornava impossível dispor-se de dinheiro para pagar coisas tão mezinhas como um simples selo de correio ou um gelado.

— Podemos falar finalmente sobre *A História da Minha Vida*? — Janina lançou um olhar penetrante a Maria, que fez um sorriso afetado.

— Agora que eu posso ouvir e participar sem estar a ser enfaixada como uma múmia, sim — retorquiu Maria, erguendo levemente o queixo num sinal inequívoco de que a sua vontade prevalecera.

— Aquilo que a Helen Keller conseguiu realizar na sua vida é verdadeiramente notável. — Janina deu uma cotovelada a Maria. — Tal como eu ia dizer antes.

— Foi por isso que eu pensei que esta seria uma boa escolha para as três lermos em conjunto — acrescentou Zofia. Fora ela quem tivera a ideia de lerem os livros proibidos pela Alemanha, como um gesto de rebelião contra Hitler. Maria e Janina tinham alinhado no plano. Embora começasse por acusar Zofia de estar a assoberbá-las com trabalhos de casa no verão, Maria acabara por aderir à ideia depois de Janina o fazer. Até agora, este era o quarto livro proibido que elas liam.

Zofia virou-se para encarar as amigas, quase tropeçando num buraco no pavimento.

— Sabem que ela escreveu uma carta ao Hitler e aos estudantes alemães que queimaram livros?

— A sério? — Maria fazia uma expressão de espanto.

Um limpa-chaminés passou por elas, e as três jovens levaram instintivamente a mão a um dos botões do seu uniforme de guia. Afinal, quem iria recusar a oportunidade de ter boa sorte com a guerra no horizonte?

Depois de o homem se afastar, Zofia desviou o seu pensamento da superstição, focando-se novamente no livro.

— A menina Keller doou os direitos de autor aos soldados alemães que ficaram cegos durante a Grande Guerra, e depois os alemães queimaram-lhe os livros. Apesar de tudo por que passou, ela manteve a perseverança, e agora defende aquilo que é justo com elegância e dignidade. — A voz da rapariga estava impregnada de admiração, o que não era de espantar. Zofia já considerava Helen Keller uma mulher espantosa, ainda antes de ler o livro sobre os obstáculos que conseguira ultrapassar na sua vida.

As raparigas foram-se revezando a citar as suas passagens preferidas, utilizando o exemplar de Maria marcado por retângulos de papel

cuidadosamente recortados, e dobraram a esquina para acederem à rua Koszykowa. As três baixaram respeitosamente o tom da voz ao entrarem na biblioteca. No átrio de entrada subsistia ainda um odor a reboco e a tinta fresca, embora já tivesse decorrido um ano desde a construção do novo pavilhão.

O funcionário do bengaleiro dirigiu-lhes um aceno de cabeça ao vê-las passar. O pobre homem não tinha muito com que se ocupar nos meses de verão, sendo que apenas um ou outro chapéu ocasional dava alguma vida à prateleira elegante que estava atrás de si.

— Fiquei contente por a menina Keller também falar sobre as aulas da sua professora — referiu Janina, tomando a dianteira quando elas começaram a subir as escadas. O facto de ela própria querer ser professora levava-a a apreciar os esforços que eram feitos no campo da educação.

Duas jovens de ar familiar, vestindo uniformes de guias semelhantes, desciam as escadas no sentido oposto ao do trio: Danuta e Kasia.

Ao dar por elas, Danuta, a mais alta das duas, parou, mostrando algum desalento.

— Já é tarde para irmos ao encontro? — A rapariga lançou um olhar exasperado à loura que vinha ao seu lado. — Eu disse-te que não íamos chegar a tempo.

A amiga dela, Kasia, bateu-lhe ao de leve no ombro com um sorriso compassivo. Mas, de qualquer modo, Kasia estava sempre a sorrir.

— Seja como for, acabámos de ter a nossa última aula aqui — disse ela. — Vamos ser bibliotecárias.

As duas tinham passado o verão a falar sobre o curso de especialização que estavam a tirar no edifício central da biblioteca, após terminarem o ensino secundário alguns meses antes.

— Mas elas estiveram a treinar os primeiros socorros — replicou Danuta com um suspiro.

— Tenho a certeza de que a Krystyna nos pode ceder material para nós praticarmos. — Kasia olhou para as três, à espera de uma confirmação. — E é provável que haja livros que nós podemos ler para nos documentarmos.

Janina assentiu.

— A Zofia pode pedir ao doutor Nowak que recomende alguns, certamente — alvitrou ela.

Zofia encolheu os ombros, sem se querer comprometer. Era possível que o Papá desse alguma sugestão se estivesse em casa, o que não acontecia com frequência.

— Falavam sobre o quê quando vinham a subir as escadas? — indagou Kasia.

— Sobre um livro da Helen Keller — respondeu Maria. — Faz parte dos livros que andamos a ler no nosso clube de leitura.

Zofia quase resmungou ao ouvir aquelas palavras a saírem da boca da amiga. Era provável que um clube dedicado a livros despertasse em outras pessoas o desejo de nele participarem. Se isso acontecesse, o seu pequeno grupo deixaria de ter a privacidade para discutir pensamentos e opiniões sem juízos de valor. O que seria o caso com Danuta, que gostava de tentar mostrar-se mais esperta do que toda a gente, provavelmente devido ao facto de os pais dela serem professores.

Danuta soltou um pequeno grito de êxtase e desceu dois degraus para se posicionar ao nível do trio.

— Um clube de leitura? — repetiu ela.

— Que espécie de clube de leitura? — inquiriu Kasia, com o rosto a brilhar de curiosidade.

Zofia suspirou baixinho.

— Nós lemos os livros que o Hitler mandou queimar. — Maria retirou o livro de Helen Keller do saco, com os pequenos marcadores curvados para um e o outro lado, depois de terem sido amarfanhados no interior. — É um clube de leitura anti-Hitler.

Janina franziu o nariz.

— Acho que precisamos de um nome melhor para o clube.

— Não se trata de um clube — contrapôs Zofia. — Trata-se apenas de falarmos sobre um livro lido por todas.

— Bom, se estão a falar de um debate sobre livros, nós queremos fazer parte dele. — Danuta cruzou os braços com ar de superioridade. — Além disso, eu li *A História da Minha Vida* e é provável que já tenha

lido os outros livros que vocês selecionaram. A minha visão vai ser fundamental. Alguns livros podem tornar-se bastante difíceis de compreender para...

— Aquilo que ela quer dizer é que nós adorávamos juntar-nos a vocês se houver lugar para ambas. — Kasia fazia um dos seus sorrisos mais radiosos. — E ela promete não interferir muito, certo?

Danuta franziu os lábios.

— Vamos pensar nisso — replicou Zofia prudentemente.

A última coisa que ela desejava era ter Danuta a dizer-lhes como deviam interpretar os livros.

A rapariga preparava-se para insistir de novo, mas Kasia desencostou-se do corrimão e puxou a amiga pelo braço, obrigando-a a descer as escadas.

— Perfeito, obrigada! — exclamou ela.

Restava a esperança de que passasse o tempo suficiente para elas se esquecerem do clube de leitura.

No piso superior, encontraram a senhora Berman no balcão da receção. De todos os bibliotecários, ela era a preferida de Zofia. Não só sugeria os melhores livros, como era paciente com as três amigas, e uma vez chegara a oferecer-se para ensinar iídiche a Janina.

Zofia sabia que a amiga teria gostado de aceitar a oferta, no entanto, a mãe dela não o permitiria. A própria Janina não estava a par de todos os pormenores, mas parecia que o tio dela tinha sido morto vinte anos antes por ser judeu. A mãe da rapariga estava grávida e o choque levava-a a perder o bebé, tendo passado três anos sem conseguir ter filhos, até Janina nascer.

A preocupação que sentiam pela segurança de Janina levava os Steinmans a comemorarem apenas as festividades mais importantes, como o Rosh Hashaná e o Hanukkah¹, não querendo que a filha dissesse a ninguém que era judia.

¹ Rosh Hashaná, comemorado em setembro, assinala o início do Ano Novo judaico; o Hanukkah, ou Festa das Luzes, assinala a libertação e reconquista do Templo de Jerusalém, pelos judeus, no século II a. C. [N. T.]

Embora, por um lado, Zofia quisesse tranquilizar a amiga sobre o facto de estar a salvo nesta Polónia livre, por outro, sabia que o antisemitismo violento e a segregação por motivos religiosos não eram assuntos do passado. Nos anos mais recentes, Zofia pudera testemunhar o boicote aos negócios de judeus, as janelas partidas em casas e lojas, e ainda inúmeros *graffiti* caluniosos. Na Universidade de Varsóvia, havia, inclusivamente, lugares separados para os estudantes judeus, assim como restrições às admissões.

Isso levava-a a admirar os avós de Janina, que não escondiam aquilo que eram, e até os pais da amiga pelo seu empenho em celebrar aqueles dias especiais. Do mesmo modo, ela também dava valor a tudo por que a senhora Berman teria passado para conseguir aquele lugar na biblioteca.

O mundo estava cheio de mulheres extraordinárias.

Enquanto Maria se afastava em direcção à secção de línguas estrangeiras, a senhora Berman chamou Janina à parte.

— Há uma nova edição da *Ewa* na secção de revistas e periódicos, se quiser ver a última receita — disse-lhe ela.

A revista semanal era inteiramente redigida em polaco e disponibilizava receitas judaicas, a par de sugestões de economia doméstica, pelo que Janina podia lê-la enquanto confeccionava receitas com a sua avó, a quem ambas tratavam afetuosamente por Bubba². Ela era a melhor cozinheira de Varsóvia, e Zofia tinha a sorte de poder saborear as receitas da *Ewa* preparadas pela Bubba e por Janina — com amor, como a Bubba costumava dizer. Esse era sempre o ingrediente mais importante.

Depois de escolherem os seus títulos, as três dirigiram-se à nova sala de empréstimo para se registarem e receberem os livros que tinham escolhido, entre eles um exemplar d'*A Metamorfose*, de Franz Kafka, para cada uma. Esta era a escolha seguinte para o clube de leitura anti-Hitler.

Um clube que, realmente, tinha um nome terrível.

² Palavra derivada do termo iídiche *bobe*, que tem o significado de «avó». [N. T.]

* * *

O silvo de um alarme desconhecido levou Zofia a acordar em sobresalto na manhã seguinte. Levantou-se precipitadamente, enrodilhando-se nos lençóis com a cabeça num turbilhão, enquanto a porta do seu quarto se abria bruscamente.

— É a sirene de alerta de ataque aéreo. — Os olhos azul-claros de Matka abriam-se desmesuradamente, enquanto a sua voz tinha o tom mais agudo que Zofia alguma vez tinha ouvido vindo dela.

O zumbido dos aviões sobrepôs-se ao gemido dos alarmes, fazendo vibrar os vidros das janelas nos seus caixilhos.

Matka soltou um grito agudo e agachou-se, mesmo que fosse óbvio que os aviões passavam no exterior.

— Zofia, os alemães chegaram! — bradou ela.

Capítulo Dois

Zofia não protestou enquanto a impeliam para fora do quarto em direção à sala de estar, acompanhada pelo som estridente das sirenes e mal sentindo o soalho de madeira frio sob os pés.

— Está a acontecer. — Antek afastou precipitadamente as delicadas cortinas de renda de Matka, debruçando-se para observar o céu.

Matka agitou a mão, indicando-lhes que fossem para o lado oposto da sala.

— Não se deixem ficar aí. Vamos para o escritório.

Eles já tinham preparado a sala justamente para este momento, para um eventual ataque da Alemanha, mesmo que ninguém suspeitasse que tal iria acontecer. Não na cidade de Varsóvia.

As autoridades tinham-nos alertado sobre a elevada probabilidade de um ataque com gás, pelo que todas as casas teriam de dispor de uma sala estanque. A única janela do escritório fora selada com fita adesiva e era ali que as suas máscaras antigás os aguardavam, com os olhos de vidro de aspeto alienígena a fitarem a parede com uma expressão vazia.

O Papá saiu a correr do quarto que partilhava com Matka, trazendo uns binóculos que remontavam aos seus tempos de combatente da Grande Guerra. Juntou-se a Antek, que continuava à janela, e ajustou os binóculos aos olhos.

— Não são aviões alemães, pois não? — especulou ele.

— Eu acho que não... — Antek apontou para fora da vidraça, dando-lhe uma leve pancada surda. — Está a ver como as asas se estendem na horizontal? Parece um *P11*.

O Papá franziu o sobrolho e passou os binóculos a Antek.

— Eu acho que as asas se inclinam para baixo — disse ele.

Antek sacudiu a cabeça para afastar o cabelo desgrenhado dos olhos, e voltou a observar o que se passava lá fora.

— O motor não parece o dos *P11*...

— Deixa-me ver. — Zofia não sabia nada sobre aviões, à parte do facto de eles terem sobrevoado a cidade durante o mês anterior em exercícios de treino. Contudo, queria vê-los com os próprios olhos. Em baixo, na rua, as pessoas mantinham os seus olhares fixos nas aeronaves, apontando para elas e tendo, provavelmente, o mesmo tipo de conversas.

Antek entregou-lhe os binóculos. Zofia espreitou por eles, tentando ajustar a vista à imagem distorcida. Outra frota de aviões percorreu os céus, com as lentes a mostrarem-lhe pouco mais do que um lampejo de metal cinzento. Os músculos atrás dos olhos doíam-lhe quando afastou os binóculos e os entregou ao Papá.

— Não são aviões alemães? — indagou Matka, aproximando-se mais da janela, com a curiosidade a levar a melhor sobre ela.

— Julgo que os alemães não iam bombardear-nos aqui na cidade. — Antek passou a mão pelo cabelo, deixando-o eriçado. — De facto, eles atacaram Gdansk esta manhã. Tal como eu previ que ia acontecer. — A voz dele denotava alguma presunção. — Mas não fiquem preocupados, porque os nossos soldados vão pôr termo a isso antes de eles conseguirem invadir o território. É impossível que eles ataquem a capital.

Matka mordiscou o lábio, dirigindo um novo olhar ansioso ao exterior.

— De qualquer modo, devíamos ir para o escritório.

Ninguém se manifestou a favor da ideia. Todos abominavam a sala do gás. Matka tinha insistido que passassem algum tempo à vez naquele espaço sufocante, onde eles suavavam e inspiravam o ar quente e húmido uns dos outros até ficarem atordoados e implicativos.

Por fim, Matka desistiu de os obrigar a enfiarem-se naquele lugar horrroso. Horas depois, a rádio anunciava que Wielun, uma zona a alguma distância de Varsóvia, tinha sido bombardeada, havendo registos de centenas de vítimas mortais.

— Os meus pais fizeram bem em ir-se embora — observou Matka por entre dentes.

Um mês antes, quando a guerra ainda não passava de um leve rumor, os pais dela tinham enviado um bilhete lacónico de uma linha, referindo que iam deixar a sua propriedade rumo à residência de férias na Suíça. Não haviam convidado Matka ou outra pessoa a juntar-se-lhes. Mas, afinal, Zofia nunca tinha visto os avós, e era raro Matka falar deles.

Por aquilo que lhe era dado saber, desagradava-lhes o facto de o Papá ser oriundo de uma família pobre, e eles tratavam a filha e o genro com sobrançeria, como se estes fossem indigentes, apesar do sucesso e da situação económica estável que o Papá conseguira alcançar.

A sirene de ataque aéreo despertou outra vez para a vida, na sequência de uma nova esquadrilha de aviões.

Antek pegou nos binóculos que tinham sido deixados na janela e agachou-se, tentando obter uma melhor perspectiva do céu.

— São alemães, realmente...

Uma bola de fogo desabrochou violentamente numa zona distante, à direita, com um fumo negro e compacto a regurgitar das chamas.

Zofia ficou pregada ao chão, com o olhar fixo na conflagração florescente. Aquilo que os seus olhos viam não podia ser real.

O coração dela parara de bater. Os pulmões estavam esvaziados de ar. A mente recusava-se a acreditar.

A cena estava tão desfasada da realidade que era como se estivesse a ser projetada numa tela de cinema.

Aquela era Varsóvia, a cidade da cultura e do conhecimento, e não um capacho para a máquina de guerra nazi.

E, no entanto, o céu toldava-se de fumo, mostrando-lhe inequivocamente a dura realidade.

Uma nova detonação poderosa arrancou-a do seu estupor.

— Já para a cave — ordenou Matka com uma nota de tensão na voz, e Zofia não contestou a mãe desta vez.

O Papá arrebatou o chapéu e a pasta, deixados encostados à mesa durante o pequeno-almoço.

— Tenho de ir para o hospital — referiu ele.

— No meio de um bombardeamento? — Os tendões do pescoço de Matka destacavam-se por baixo do fio de ouro com o crucifixo, como se uma linha de pesca lhe passasse sob a pele. — Não digas disparates. Temos de nos abrigar.

— Assegura-te de que os miúdos ficam em segurança, Jadzia. — O Papá cravou o seu olhar no dela, como que a intimá-la a compreender. — Eu volto para casa assim que puder.

Os olhos semicerrados de Matka diziam ao Papá todas as coisas que ela não exprimia em voz alta. Um novo estrondo distante fez as paredes da casa estremecer.

— Venham. — Matka acenou para Zofia e Antek, com a safira e os diamantes do seu volumoso anel de noivado a cintilarem à luz. Os três precipitaram-se para a cave, onde os restantes habitantes do prédio já se encontravam à procura de abrigo. As pessoas ali reunidas tornavam o ar húmido e pesado. Velas grossas colocadas em latas projetavam uma luz sombria e trémula no espaço desprovido de janelas.

As pessoas mantinham-se recolhidas, com os rostos pálidos sob a luz mortiça. Ninguém emitia um som, não havia conversas triviais sobre assuntos do dia a dia ou especulações sobre a guerra. O silêncio imperava, apenas quebrado pelo choro baixinho de uma vizinha do terceiro andar, com um pequeno cão branco aninhado no seu regaço. O choro e o ruído surdo das bombas a explodir ao longe arrastaram-se por horas intermináveis.

Por fim, ouviu-se o gemido de uma nova sirene, avisando-os de que podiam deixar o abrigo em segurança.

Antek abriu a porta e Zofia foi a primeira a sair, com as pernas hirtas devido ao longo tempo em que estivera sentada. Ela foi deambulando pela rua, sentindo o ar impregnado de pó e com um sabor acre causado pelo fumo. As sirenes dos veículos de emergência propagavam-se pela

cidade, enquanto os raios de sol passavam a custo pela névoa do céu causticado da tarde.

Por mais impossível que parecesse, Varsóvia tinha realmente sido bombardeada.

Mais tarde, nessa noite, o Papá abriu a porta, vindo do hospital. Zofia saltou para fora da cama e deu uma corrida, encontrando-o ainda parado no vestíbulo, com a cabeça baixa.

— Sente-se bem, Papá? — perguntou ela.

Ele ergueu bruscamente a cabeça.

— Zofia. Claro que sim. Como correu tudo por aqui?

— Passámos o dia na cave.

Assim que as linhas telefónicas tinham ficado suficientemente desimpedidas, Zofia telefonara a certificar-se de que Janina e a sua família estavam bem. Mal ela pousara o auscultador, outra sirene de ataque aéreo começara a emitir o seu som lancinante. O resto do dia fora passado entre subidas e descidas de escadas, recolhendo ao abrigo sempre que um ataque ocorria.

Zofia preparava-se para comentar como a mulher com o cão branco tinha contendido com os nervos de Antek, quando o Papá se juntou a ela na sala de estar. Ao fazê-lo, o seu casaco abriu-se ligeiramente, expondo uma mancha vermelha na camisa.

Sangue.

— Tivemos sorte — optou por dizer, em vez disso.

— Sim. — O rosto dele contraiu-se. — Sim, tivemos muita sorte. — Sorriu tristemente e a filha soube o que o pai ia dizer, antes sequer de as palavras lhe saírem da boca. — Tens os olhos da tua avó, sabias?

Zofia assentiu com a cabeça, consciente de que os seus olhos azul-celestes eram exatamente iguais aos da avó que ela não tivera a oportunidade de conhecer.

— Eu sei.

Ele nunca falava sobre os progenitores, contudo, Zofia sabia que o pai os deixara quando o Papá ainda era muito novo. A mãe dele

criara-o sozinha, até uma doença fatal a matar ao fim de alguns anos. O Papá estivera sempre a seu lado. Matka dizia que fora por isso que ele tirara o curso de medicina, para ajudar os doentes a não sofrerem como a mãe.

Por vezes, Zofia pensava que também seria para não sofrerem como ele sofreu — um rapaz demasiado novo para ser adulto, mas demasiado velho para viver num orfanato, simplesmente deixado sozinho no mundo.

O Papá afagou-lhe a cabeça com ternura, conforme lhe fazia quando ela era criança, com os seus olhos castanhos afetuosos a enrugarem-se nos cantos, da forma que a levava sempre a sorrir.

Foi nessa altura que Zofia reparou no rasto de lama que ele deixara atrás de si.

— Esqueceu-se de se descalçar. — Zofia apontava para os sapatos estilo oxford do pai, cobertos de sujidade, e também para o chão manchado. Todos se esqueciam de descalçar os sapatos de vez em quando, desde Matka a Zofia, esta última em particular. Contudo, isso era algo que o Papá jamais deixava de fazer.

Ele olhou para trás de si e teve um momento de hesitação, antes de se voltar para Zofia com um sorriso comprometido.

— Não digas à Matka.

— Não digas à Matka o quê? — A mãe de Zofia cruzou os braços, olhando para o chão de sobrolho franzido.

Zofia não perdeu tempo a voltar para o seu quarto, deixando o Papá a resolver o assunto com Matka. No entanto, em vez de um sermão acalorado, o som sibilante dos pais a falarem em surdina deixou-a intrigada do outro lado da porta. Curiosa, ela encostou o ouvido à madeira para escutar.

— Tens tudo em ordem, Jadzia? — perguntava o Papá.

— Não é assim tão mau, pois não? — murmurou Matka.

O Papá ficou em silêncio. Pela mente de Zofia passou a imagem dele, com a cabeça baixa, a comprimir a cana do nariz, conforme era seu costume quando o stress da vida exigia um momento de reflexão.

— Jan, fala. — O tom da voz de Matka era firme, de uma forma que ela raramente usava ao dirigir-se ao Papá.

Seguiu-se uma pausa, até ele voltar a falar.

— Estão a atingir os hospitais.

Depois daquela conversa, Zofia ficava desperta, noite após noite, não conseguindo adormecer antes que o seu pai chegasse a casa são e salvo. Nos dois dias seguintes, até Matka começou a cansar-se de estar sequestrada na cave sobrelotada. As sirenes de ataque aéreo disparavam quase constantemente, quer as bombas estivessem sobre as suas cabeças ou a quilómetros de distância, no bairro de Praga.

A rádio Varsóvia 1 apresentava diariamente um balanço sobre as aeronaves alemãs abatidas pelas defesas antiaéreas polacas, e divulgara igualmente a notícia gloriosa da declaração de guerra à Alemanha, por parte de França e da Grã-Bretanha.

La Marseillaise ressoava nos altifalantes da rua, quando Janina, Zofia e Maria se juntaram à manifestação de apoio em frente ao Palácio Branicki, onde funcionava a Embaixada Britânica. As bandeiras ondulantes agitavam-se entre a multidão, projetando lampejos de vermelho, branco e azul. A Tricolore, a Union Jack e a sua própria Flaga Polski.

Três nações unidas contra Hitler. Agora, a guerra não tardaria a acabar. A partir do momento em que Inglaterra e França lançassem os seus ataques, a vida na Polónia regressaria ao normal, sem aqueles ataques aéreos infernais, e o Papá deixaria de correr perigo.

Maria lançou a cabeça para trás e entouou a quadra final de *La Marseillaise* antes de a música festiva ser interrompida pelos altifalantes a alertar as pessoas para evitarem concentrar-se na rua.

O aviso foi ignorado por todos. As pessoas já não queriam recolher-se às caves, especialmente quando havia um motivo como aquele para celebrar.

— Isto significa que o Antek já não vai combater — afirmou Zofia, com a sua voz a sobrepor-se aos acordes de *God Save the King*. Aquele

pensamento angustiante perseguia-a, sem que ela quisesse verbalizar os seus receios até agora. Até poder experimentar aquela maravilhosa sensação de segurança.

— Ele está a salvo — assegurou-lhe Janina com um grande sorriso. — A guerra vai terminar dentro de dois dias. Talvez três, no máximo.

Um jovem com uma covinha encantadora a iluminar-lhe a face esquerda aproximou-se de Maria, estendendo-lhe uma pequena bandeira francesa num gesto teatral, como se lhe oferecesse uma rosa. A rapariga aceitou-a com ar reservado, deixando o seu olhar deter-se nele mais do que o aceitável. O jovem pegou-lhe na mão para a levar a rodopiar numa dança, enquanto Zofia e Janina batiam palmas.

Uma nova advertência sobre a concentração de pessoas reverberou pelas ruas, e Janina, a eterna cumpridora de regras, olhou à sua volta com ar apreensivo.

— É melhor irmos andando — aconselhou ela.

Ninguém a contradisse, conforme sempre acontecia. Zofia sentiu a tensão a instalar-se dentro de si. Elas tinham abusado da sorte. Para um bombardeiro alemão não haveria melhor alvo do que uma multidão de foliões.

As três afastaram-se do palácio antigo, deixando a celebração atrás de si.

As marcas do que a sua bela cidade tinha suportado nos últimos três dias eram visíveis para onde quer que se olhasse. As trincheiras escavadas na terra macia dos parques tinham sido alargadas, agora que o fim a que se destinavam se tornava real. Na linha do horizonte, os prédios estavam desaposados de algumas estruturas, como dentes extraviados de um sorriso amplo. Havia, inclusive, buracos abertos em alguns trechos das ruas, embora os automobilistas conseguissem passar facilmente entre os obstáculos.

— Guias! — chamou uma voz familiar.

Ao virarem-se, deram de caras com Krystyna parada junto a uma vala, com uma pá nas mãos e um pouco de terra a manchar-lhe o uniforme cinzento de chefe das Guias. Em volta dela, várias guias e escuteiros abriam uma nova trincheira no solo.

— Chegaram mesmo a tempo. — Krystyna afastou o cabelo castanho-claro do rosto suado, e apontou para uma série de pás sujas de terra.

Em dias de bombardeamentos e de guerra como aqueles, não se perguntava a ninguém se queria ajudar; as pessoas limitavam-se a fazê-lo. E, o que era ainda mais importante, trabalhavam todas lado a lado. Os ricos cavavam juntamente com os pobres. Tal como o faziam os nacionalistas e os socialistas, e os católicos e os judeus. Pela primeira vez, desde as esperanças risonhas criadas com a assinatura do Tratado de Versalhes, a Polónia estava completamente unificada.

Janina olhou de relance para as suas sandálias de cabedal azul-claro, as quais condiziam na perfeição com o vestido elegante estampado com pequenas flores que envergreenava. Ela contraiu os lábios numa expressão levemente contrariada.

— Podes limpá-las mais tarde. — Zofia puxou-a pelo braço, levando-a para junto do enorme fosso.

As raparigas pegaram nas pás, com as suas pegas de madeira já amaciadas pelo uso durante a semana recente, entre os preparativos para a guerra e a sua chegada. Maria prendeu a bandeira francesa entre os ganchos do cabelo, pelo que a Tricolore flutuava acima da sua trança loura serpentante, enquanto as três cravavam as pás na terra seca.

Numa questão de minutos, Zofia já sentia as costas e os braços macerados por aquele trabalho pouco usual, enquanto uma zona dorida na palma da mão lhe indicava que ela não ia sair dali sem umas quantas bolhas.

Krystyna juntou-se a elas, posicionando-se ao lado de Zofia.

— O que estão a pensar fazer amanhã?

Aquela pergunta casual deixava-as inevitavelmente em alerta. Krystyna não era pessoa para palavras ociosas. Na vida dela, tudo era levado a sério, desde o seu papel como chefe de grupo das Guias até ao curso de engenharia. Essa seria provavelmente uma característica herdada do seu pai, que era presidente da câmara da cidade onde Krystyna fora criada.

Zofia também não era muito dada a conversas de circunstância.

— Deves estar a perguntar isso por alguma razão — observou ela. Krystyna ergueu uma quantidade de terra três vezes maior que as modestas pazadas das três e atirou-a para trás de si.

— O presidente Starzyński está pessoalmente a apelar à colaboração de todos os escuteiros e guias. É preciso abrir trincheiras como esta, apagar fogos onde for possível, e outras coisas do género. — Krystyna endireitou-se, limpando o suor da testa com o braço. — Estão disponíveis para ajudar todos os dias? — inquiriu ela.

Zofia endireitou os ombros, disposta a assumir qualquer dever pelo seu país.

— Eu estou, sem dúvida alguma — prontificou-se ela.

Krystyna olhou de relance para Maria e Janina.

— E vocês?

— Se a Zofia está disponível, eu também estou — declarou Janina com ar firme. — Mas tu já sabias isso.

— Eu não posso deixar estas duas sozinhas — interveio Maria. — Também podes contar comigo. Além do mais, é provável que os ataques só durem mais um par de dias.

Krystyna fez um aceno de aprovação, dirigindo-se ao lado oposto do monte de terra para pedir a Danuta e Kasia a sua colaboração na causa.

No dia seguinte, as três raparigas reuniram-se no mesmo local, encontrando ali baldes e pás à sua espera. Zofia sentiu as bolhas nas palmas da mão a latejar só de olhar para as ferramentas.

— Como estiveram a cavar ontem, hoje vão apagar fogos — indicou Krystyna, deitando uma olhadela às mãos cuidadosamente enfaixadas de Janina. — Vamos dar a essas bolhas a oportunidade de sarar um pouco.

No entanto, se elas pensavam que livrarem-se do trabalho com as pás lhes ia facilitar a vida, estavam enganadas. Extinguir fogos em Varsóvia não era assim tão simples, principalmente por as condutas de água serem um alvo constante de bombas estrategicamente dirigidas. Baldes de areia, um após o outro, eram o meio usado para debelar

as chamas quando isso acontecia. E, em caso de necessidade, até a água armazenada na parte de trás das sanitas servia para apagar pequenos fogos no interior das casas.

Uma semana passou, e o som estridente das sirenes de ataque aéreo continuava a fazer-se sentir ao longo do dia. As pessoas faziam o que lhes era possível para salvar os seus pertences. Enrolavam os tapetes e retiravam as cortinas para impedir a propagação das chamas. Algumas chegavam a espalhar areia no soalho, mas a maioria tinha, no mínimo, um balde cheio como medida de precaução. E, por toda a cidade, entaipavam-se as janelas para evitar ferimentos causados pelos estilhaços de vidro.

Os soldados polacos começaram a regressar progressivamente à capital, prostrados pela batalha. Enquanto as mulheres celebravam o seu regresso e lhes lavavam os pés para lhes darem as boas-vindas como heróis, Zofia não conseguia deixar de observar as suas expressões perturbadas.

Os discursos encorajadores do presidente Starzyński eram difundidos duas vezes por dia, incitando as pessoas a abrirem trincheiras, a criarem obstáculos para os tanques, perfurando o solo com fragmentos partidos de carris dos eléctricos, e a limparem os detritos das ruas a cada manhã. Graças à sua liderança, os sistemas de água e electricidade, que eram um alvo permanente dos bombardeamentos, estavam constantemente a ser restaurados.

No entanto, à exceção do estoico presidente da câmara, o governo polaco tinha procurado refúgio na Roménia, abandonando o país neste momento difícil. Em resposta a essa fuga, o general Umiastowski pedira aos Escuteiros que se juntassem à linha da frente para ajudarem os soldados a manter os alemães fora de Varsóvia.

Na manhã seguinte, Zofia acordou com o som de um choro, deparando-se com Matka curvada sobre a mesa da cozinha a tentar apoiar-se na mesma. Na sua mão crispada, estava um bilhete amarfanhado.

De alguma forma, uma pontada violenta no estômago de Zofia levava-a a adivinhar o que estava ali escrito.

— É do Antek?

— Ele foi-se embora esta noite — revelou Matka com a voz embargada. Ela entregou-lhe o bilhete com a mão trémula.

Zofia abriu-o devagar. Depois de alisar o papel, inspirou profundamente e leu-o.

Antek resolvera sair de casa a meio da noite, quando sabia que ninguém se ia opor à sua partida. Ele tomara a própria decisão e estava determinado a lutar.

De repente, os tempos de infância dos dois regressavam tumultuosamente à mente da rapariga — as vezes em que o irmão lhe contava histórias para a ajudar a enfrentar as trovoadas, a forma como ele parecia ficar mais alto ao dizer às pessoas que Zofia era sua irmã, as horas intermináveis que ele passava a partilhar os seus conhecimentos de escuteiro para ela fazer boa figura nas Guias. Antek cuidara sempre dela e era claramente isso que ia agora fazer de novo.

Ela voltou a ler a última linha.

Digam à Janina e à Zofia que eu irei regressar como um herói.

A agonia penetrou a fundo no coração de Zofia.

Antek tinha partido.

Um romance comovente sobre o poder de união dos livros, inspirado na história verdadeira da biblioteca clandestina de Varsóvia durante a Segunda Guerra Mundial.

Zofia, em momentos difíceis, sempre encontrou conforto em duas coisas: nos livros e na sua melhor amiga, Janina. Contudo, nada a preparou para os horrores da ocupação nazi em Varsóvia. Enquanto caem bombas sobre a cidade e as forças de Hitler a saqueiam e destroem, Zofia descobre que também os livros precisam de ser salvos.

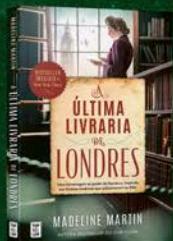
As duas amigas nunca abandonam o amor que partilham pela leitura, nem quando Janina é levada pelos nazis para um gueto judeu. E com o crescente número de mortes e a perseguição a intensificar-se, Zofia parte para a ação, procurando resgatar Janina, assim como todos os livros que conseguir recuperar dos destroços, escondendo-os e fundando um clube de leitura clandestino.

No entanto, quanto mais se aproxima a libertação de Varsóvia, mais perigosa se torna a vida das mulheres e suas famílias — e a fuga pode não estar ao alcance de todos. Enquanto a destruição grassa em seu redor, Zofia tem de lutar para salvar a amiga e preservar a sua cultura e comunidade, usando a única arma que lhe resta — a literatura.

«Madeline Martin escreveu um romance que é simultaneamente desolador e oportuno. De leitura obrigatória.»

HISTORICAL NOVEL SOCIETY

Leia também:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897877537



9 789897 877537 >